



A QUESTÃO SOCIOLINGUÍSTICA EM VIDAS SECAS

THE SOCIOLINGUISTIC ISSUE IN VIDAS SECAS

José Ferreira Lopes Neto (PPGAS-UEG/SEDUCE)¹
zezinhoflopinho@hotmail.com

RESUMO: Sedimentada a ideia de que o mundo fora do sertão parece ser o ideal, Vidas Secas nos traz um momento reflexivo que transcreve a incessante busca do ser humano por uma vida melhor, um lugar onde ele possa sentir-se parte de um todo, parte do próprio local onde vive, e suas respectivas noções de bem-estar. O presente trabalho tem por objetivo ler a crítica social nas entrelinhas da obra descrita, de forma a evidenciar a vivência dos retirantes do sertão nordestino. Lugar este em que pouco se via ou falava, e o nada que lhes era oferecido ainda era dividido com o governo, o que lhes proporcionava uma vida ainda mais seca. Segundo fundamentalmente os pressupostos teóricos de Bosi (1975), analisar-se-á a realidade baseada nas vidas secas da região nordeste, além da política engajada de Getúlio Vargas. Por meio de uma leitura crítico reflexiva foram levantadas as passagens que denotam uma literatura voltada para o aspecto social.

PALAVRAS-CHAVE: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Homem-sociedade.

ABSTRACT: Dry lives the idea that the world outside of the interior seems to be the ideal, the Vidas Secas brings a reflective moment that transcribes human incessant search for a better life, a place where it can be part of a whole part of the place where it lives, and its notions of the well-being. This monograph aims to describe the subtext of the social criticism in the work described, in order to highlight the experience of migrants from the interior of the Northeast. It's a place where little has been seen or has been spoken, it hasn't been divide by the government anything that was offered, that gave them a life even drier and poorer. Essentially following the theoretical assumptions of Bosi (1975), it will examine the reality based on the lives of the dry northeast and the policy of engagement during Getulio Vargas. Through a critical reading passage that was lifted throughout a literature focused on the social aspect.

KEYWORDS: Vidas Secas. Graciliano Ramos. Man and society.

INTRODUÇÃO

O romance “Vidas Secas” traz um momento reflexivo que transcreve a incessante busca do ser humano por uma vida melhor, sedimentada na ideia de que o

¹ Mestrando em Ambiente e Sociedade pela UEG Campus Sudoeste, possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2006), graduação em Pedagogia pela Faculdade Albert Einstein (2016) e graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2011). Professor da Escola Municipal Adélia do Nascimento Januário, professor da Escola Municipal Agmar Fernandes Balieiro e docente no curso de Pedagogia na FATEC /IETEC- Centro Tecnológico de Cursos de Goiás.



mundo fora do sertão parece ser o ideal de um lugar onde ele possa sentir-se parte de um todo; parte do próprio local onde vive, e suas respectivas noções de bem-estar.

Apesar de ser uma obra temporal, de escrita sertanejista, Graciliano Ramos retrata uma realidade atual crítica, trabalhando o problema da seca. E ainda fazendo uma análise psicológica onde cada ato se reflete num espelho quebrado regado de instabilidade, pois o homem é fruto da vivência, através de uma pequena família composta pelo pai, Fabiano, sua mulher, Sinhá Vitória, e os dois filhos que não teriam nome, além de uma cachorra chamada Baleia. A realidade da família brasileira encerralada pelo sistema capitalista que migra incessantemente uma, duas, três vezes, chegando a uma situação pior do que deixou por todo o caminho.

O tratamento dado a um tema pouco original como o da seca seria, no entanto, inteiramente novo, integrado na estrutura narrativa, não apenas os problemas da seca, seu espaço físico, como também os dilemas de homens simples hostilizados e oprimidos pela natureza e pela sociedade.

1 Graciliano – vida, obra; identidade literária filmada pela câmera da ficção regionalista e apresentada como documento de nacionalidade e resistência do animal humano

Graciliano Ramos nasceu em Quebrângulo, Alagoas, em 27 de outubro de 1892. É um dos dezesseis filhos de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos e teve o início de sua história em meio às adversidades encontradas na seca e a decadente produção agropecuária no sertão. Fez apenas os estudos secundários em Maceió.

Alfredo Bosi em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira* descreve que, desde criança, Graciliano viveu como retirante pelas mais secas regiões do Nordeste brasileiro. Essas Experiências o impulsionarão a mais tarde revelar ao mundo todo esse descaso vivido não só por ele, mas por uma multidão de seres humanos que veem sua vida interrompida em meio a tanto descaso (BOSI, 2004, p. 400).

Lúcia Helena Vianna aborda que Graciliano sempre foi um menino introvertido e arredio, seu espírito crítico aflora muito cedo pelo desejo de ser escritor, o que o estimula a absorver as ideias dos principais autores brasileiros (VIANNA, 1997, p. 12/13).



Após rápida passagem pelo Rio de Janeiro, fixa-se em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas; é nesse momento que inicia seu contato com a escrita sendo o revisor do *Correio da Manhã* e de *A Tarde*. Jornalista e político, chega a exercer o cargo de prefeito da cidade. Casou-se em 1915 com Maria Augusta Ramos mas ficou viúvo em 1920 ao perder sua esposa no parto de sua quarta filha. Em seu mandato como prefeito de 1928 a 1930, Graciliano se mostra um excelente administrador, muito honesto e eficiente. Nessa época já utilizava um estilo literário muito peculiar e chegou a ser convidado para tomar a frente da direção da Imprensa Oficial do Estado.

Em março de 1936 é preso por atividades consideradas subversivas sem, contudo, ter sido acusado formalmente; após sofrer humilhações de toda sorte e percorrer vários presídios, é libertado em janeiro do ano seguinte. Essas experiências pessoais são retratadas no livro *Memórias do cárcere*.

Em 1945, com a queda da ditadura de Getúlio Vargas e a volta do país à normalidade democrática, Graciliano filia-se ao Partido Comunista Brasileiro, o qual integra até 1947. Até então o escritor não admite que haja interferência política em sua literatura. O que segundo VIANNA (1997, p. 18), era designado de Realismo Socialista por tratar a “literatura como revolucionária em essência”. Viaja em 1952 para os países socialistas do Leste Europeu, experiência descrita em *Viagem*. Falece no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953 com câncer.

Grande parte da crítica considera Graciliano Ramos como o melhor romancista moderno. Além disso, é tido como o autor que levou ao limite o clima de tensão presente nas relações homem / meio natural, homem / meio social, tensão essa geradora de um conflito intenso, capaz de moldar personalidades e de transfigurar o que os homens têm de bom.

Nesse contexto violento, a morte é uma constante; é o final trágico e irreversível, decorrente de relacionamentos impraticáveis. Assim, encontramos suicídios em Caetés e São Bernardo, um assassinato em *Angústia* e as mortes do papagaio e da cadelo Baleia em *Vidas Secas*.

Em seus romances, a lei maior é a da selva. Portanto, a luta pela sobrevivência parece ser o grande ponto de contato entre todos os personagens. Em consequência, uma

palavra se repete em toda a obra do escritor: bicho, ou ainda, como no início de *Vidas secas*, viventes, aqueles que só têm uma coisa a defender - a vida:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto (RAMOS, 1994, p. 11).

As condições subumanas nivelam animais e pessoas. É necessário pensar um pouco nessa curiosa "família": dois humanos adultos, identificados apenas pelos nomes Fabiano e Sinhá Vitória (eles não têm sobrenome), dois humanos infantis sem nome, identificados como "o mais velho" e "o mais novo", e dois bichos - o papagaio e a cachorra Baleia -, um identificado pela espécie, outro pelo nome próprio.

O papagaio é devorado, depois que morre de fome, em nome da sobrevivência dos demais; a cadela Baleia é sacrificada em nome da sobrevivência dos demais - doente, ela atrapalhava a caminhada da família, e representava perigo à vida dos membros dessa família.

A tensão permeia toda a obra de Graciliano Ramos: evolui de *Caetés* até *Vidas secas*, num crescendo que passa por *São Bernardo* e *Angústia*. Acentua-se ainda mais na passagem da ficção à realidade, atingindo o ápice no livro em que relata suas experiências na cadeia, o qual, entretanto, ultrapassa o plano pessoal para retratar o Brasil em importante momento histórico, quando a convivência homem / meio social torna-se impossível. A obra é universal quando se considera as humilhações sofridas por todos os prisioneiros políticos na ausência de um estado de direito.

O crítico Antonio Cândido (CANDIDO, 1967, p. 113) divide a obra de Graciliano em *romances narrados em primeira pessoa*, onde se evidencia a pesquisa progressiva da alma humana, ao lado do retrato e da análise social. *Romance narrado em terceira pessoa*, no qual se enfoca os modos de ser e as condições de existência, segundo uma visão distanciada da realidade e *Autobiografias*, obras em que o autor se coloca como problema e como caso humano; nelas transparece uma irresistível necessidade de depor. E o crítico conclui:



[...] no âmago da sua arte, há um desejo intenso de testemunhar sobre o homem, é que tanto os personagens criados quanto, em seguida, ele próprio, são projeções deste impulso fundamental, que constitui a unidade profunda dos seus livros (CANDIDO, 1967, p. 113).

Graciliano Ramos é autor de enredos que envolvem a seca, o latifúndio, o drama dos retirantes, a caatinga, a cidade. Seus personagens são seres oprimidos, moldados pelo meio - Luís da Silva, pela cidade; Paulo Honório e Fabiano, pelo sertão.

O autor é espelho onde se reflete sua escrita sóbria e dura com projeções interiores que se moldam aos olhos do leitor.

2 Fotografando a miséria social da seca

[...] O bicho não era um cão.
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.
(Manuel Bandeira).

É exatamente em 1938 que a obra *Vidas Secas* ganha notoriedade no universo ficcional. A obra assume grande importância para a literatura, porque revela um mundo marcadamente regionalista, assumindo uma posição notadamente social e crítica sobre o sofrimento da seca como tece Graciliano Ramos. Essa obra possui uma atmosfera da ficção que está mergulhada na humanidade, no encantamento, projetados no contexto social e na paixão pela escrita vinda do povo e para o povo brasileiro.

A busca dos valores humanos dá seguimento a um audacioso projeto que implica a elaboração de um vasto painel de cenário seco em 1930. Tal painel desenha o fenômeno da seca e o ambiente típico de uma fazenda no nordeste, além de desencadear um projeto de escrita social voltado para um engajamento com o sistema que mutilou esse homem da terra, que planta em terra alheia, planta sem liberdade. Esse palco grosso e seco humilha e crestá o humano que se infiltra com medo de emergir nesse meio de esterilidade.



Vidas secas foi escrito durante a segunda geração modernista. A crítica literária classifica como uma obra regionalista e de denúncia social. A obra trata e configura ficcionalmente o sertão do Nordeste brasileiro. Narra a vida de uma família de retirantes da seca, bem como descreve o ambiente hostil e a exploração dos donos de terra. O título do livro faz menção à secura presente em todos os espaços, desde a ambientação da caatinga com sua vegetação seca, amarela e cinzenta, ao pensamento das personagens, que se comunicam guturalmente como bichos e se veem encerrados por um destino que outrora já estava traçado pela política brasileira.

Álvaro Lins (1977, p. 144.), comenta que a obra representa um estado de razão, de lucidez, de sobriedade. O critério que a preside é um critério de inteligência; a sua potência é cerebral e abstrata. Não sei, por isso, que misteriosa intuição para se definir levou o Sr. Graciliano Ramos a escolher o título *Vidas Sêcas* para um de seus romances. Sem dúvida, todos os seus personagens são de fato "vidas secas". Os seus personagens e este estilo em que se exprime o romancista.

Baseado ainda no título observa-se também que as relações sociais são limitadas, esbarram sempre na animalização do homem pela natureza, ironicamente a personagem mais humana na obra é a cachorra Baleia, ela adentra em todos os ambientes, intermedia a relação entre Fabiano e os dois filhos, mesmo quando morre permanece no pensamento de todos da família.

O fato de ser uma obra regionalista não quer dizer que Graciliano Ramos sobreponha o aspecto da denúncia social à análise psicológica, ambos são divididos: à medida em que ele caracteriza as relações externas das personagens, mapeia também os pensamentos delas, inclusive os de Baleia. O sertanejo de Vidas secas não é visto como pitoresco, sentimental ou jocoso, muito pelo contrário, as agruras do sofrimento causado pela seca o transformaram num ser à beira do “homem-bicho”, que não se lamenta, não fala, nem desiste de viver, porém esmorece como ser humano.

Manoel de Barros com seu texto língua expõe essa agrura numa imagem metafórica onde a linguagem figurada trabalha a ausência de voz, porque o homem aqui não se contamina de palavras, por isso, às vezes tem-se que imaginar, ver através de



imagens a objetividade de uma dor funda que dói, porém não se exterioriza na sonoridade, já que Fabiano se sente vazio.

A seca foi braba naquele ano.
O pai falou: Lá evém uma língua de fogo
do lado da Bolívia
e vai lamber todo o pasto.
O menino assustou: Língua de fogo?
O pai explicou ao menino que se tratava
de imagem.
Língua de fogo é apenas uma imagem.
Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
cachorro da imagem (BARROS, 2006, p. 65).

Graciliano tinha um olhar sujo de dor e seca e catava o cisco da existência para construir a imagem reproduzida pela seca em seu texto. O arame do silêncio amarrava a palavra de Fabiano nas suas farpas porque a natureza o redimia de muitas incertezas e o medo de saborear a palavra sem uma preparação prévia o deixava estagnado como a rês cerceada pela cerca seca do quintal ensaboados pelo sol abrasador.

A narrativa é feita em terceira pessoa, predominantemente com o discurso indireto livre a fim de penetrar no mundo introspectivo das personagens, já que esses não têm o domínio da linguagem culta necessária para estabelecer comunicação.

3 Vidas secas: uma obra que começa com uma fuga e acaba em outra

A tarefa aqui é apalpar o umbigo dessa família e sua saga. Assim nas linhas que seguem ter-se-á um retrato da obra, garimpando de todos os capítulos os entroncamentos e as fendas, e sobre eles aglomerando o tecido das palavras que darão mais um polimento às margens turvas e indefinidas desse discurso.

O romance *Vidas Secas* em seu primeiro capítulo, “Mudança” narra que em meio à paisagem hostil do sertão nordestino, quatro pessoas e uma cachorrinha se arrastam numa peregrinação silenciosa. O menino mais velho, exausto da caminhada sem fim, deita-se no chão, incapaz de prosseguir, o que irrita Fabiano, seu pai, que lhe dá estocadas



com a faca, no intuito de fazê-lo levantar. Compadecido da situação do pequeno, o pai toma-o nos braços e carrega-o, tornando a viagem ainda mais modorrenta.

A cadela Baleia acompanha o grupo de humanos agora sem a companhia do outro animal da família, um papagaio, que fora sacrificado na véspera a fim de aplacar a fome que se abatia sobre aquelas pessoas. Na verdade, era um papagaio estranho, que pouco falava, talvez porque convivesse com gente que também falava pouco,

Errando por caminhos incertos, Fabiano e família encontram uma fazenda completamente abandonada. Surge a intenção de se fixar por ali. Baleia aparece com um preá entre os dentes, causando grande alegria aos seus donos. Haveria comida. Descendo ao bebedouro dos animais, em meio à lama, Fabiano consegue água. Há uma alegria em seu coração, novos ventos parecem soprar para a sua família. Pensa em Seu Tomás da bolandeira. Pensa na mulher e nos filhos.

A inesperada caça é preparada, o que garante um rápido momento de felicidade ao grupo. No céu, já escuro, uma nuvem - sempre um sinal de esperança. Fabiano deseja estabelecer-se naquela fazenda. Será o dono dela. Logo lhe vem a esperança de que a vida melhorará para todos.

No 2º capítulo, que trata de Fabiano, este procura por uma raposa. Apesar do fracasso da empreitada, ele fica satisfeito. Pensa na situação da família, errante, passando fome, até a chegada àquela fazenda. Estavam bem agora. Fabiano se orgulhava de vencer as dificuldades tal qual um bicho. Agora ele era um vaqueiro, apesar de não ter um lugar próprio para morar. A fazenda aparentemente abandonada tinha um dono, que logo aparecera e reclamara a posse do local.

Pouco falava, admirava e tentava imitar a fala difícil das pessoas da cidade. Era um bicho. Para que perguntar as coisas? Pensava que essas coisas de pensamento não levavam a nada. Seu Tomás da bolandeira, apesar de admirado por Fabiano pelas suas palavras difíceis acabara como todo mundo. As palavras, as ideias, seduziam e cansavam Fabiano. Sente-se confuso. Era um forte ou um fraco, um homem ou um bicho? Sentia, por vezes, ímpeto de lutador e fraqueza de derrotado.

Esse silêncio de Fabiano é mostrado através da submissão ao sistema que o circunda, esse silêncio se dá através das poucas vezes em que ele transpira palavras, essas



não são muitas mas são capazes de produzir as mais explícitas formas de dizer. “A seca e a pobreza calam Fabiano, como se (‘por destino ruim’) ele não tivesse direito nem a um pedaço de terra nem a uma linguagem” (FELINTO, 2007, p. 132).

— Você é um bicho, Fabiano. [...] A sina dele era correr mundo, [...] Um vagabundo empurrado pela seca. [...] Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Naverdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, [...] Fabiano dava-se bem com a ignorância (RAMOS, 1994, p. 18 - 21).

Na sequência, no capítulo “Cadeia”, Fabiano vai à feira comprar mantimentos, querosene e um corte de chita vermelha. Injuriado com a qualidade do querosene e com o preço da chita, resolve beber um pouco de pinga na bodega de seu Inácio. Nisso, um soldado amarelo convida-o para um jogo de cartas. Os dois acabam perdendo, o que irrita o soldado, que provoca Fabiano quando esse está de partida. A ideia do jogo havia sido desastrosa.

O soldado, provocador, encara o vaqueiro e barra-lhe a passagem. Destacamento à sua volta. Cadeia. Fabiano é empurrado, humilhado publicamente. No xadrez, pensa por que havia acontecido tudo aquilo com ele. Pensa na família. Arquiteta vinganças, grita com os outros presos e, no meio de sua incompreensão com os fatos, sentiu a família como um peso a carregar.

No capítulo que se intitula “Sinhá Vitória”, esta amanhece brava. À noite mal dormida na cama de varas era o motivo de sua zanga. Fala pela manhã, mais uma vez, com Fabiano sobre a dificuldade de dormir naquela cama. Quer uma cama de lastro de couro, como a de Seu Tomás da bolandeira, como a de pessoas normais.

Lá fora, os meninos brincam em meio à sujeira. Dentro de casa, Fabiano ronca forte, seguro, o que indica a Sinhá Vitória que não deveria haver perigo algum por ali. A seca deveria estar longe. As coisas, agora, pareciam mais estáveis, apesar de toda a dificuldade. Lembra-se de como haviam sofrido em suas andanças. Só faltava uma cama. No fundo, até mesmo Fabiano queria uma cama nova.

Note que em meio a tantos sonhos e aspirações surge o insistente desejo de Sinhá Vitória em possuir uma cama decente, que não lhe machucasse tanto as costas. Um sonho tão fácil de ser realizado e tão distante dos murmurantes anseios da mulher de Fabiano, as desventuras da família e a constante luta pela sobrevivência impossibilitavam a realização desse pequeno grão de areia num mundo de sonhos bem mais impossíveis.

No capítulo “O menino mais novo” A imagem altiva do pai é que lhe surge a ideia. Fabiano, armado como vaqueiro, domava a égua brava com o auxílio de Sinhá Vitória. O espetáculo grosseiro excitava o menor dos garotos, impressionado com a façanha do pai e disposto a fazer algo que também impressionasse o irmão mais velho e a cachorra Baleia.

Fica claro que a profissão de Fabiano era a única herança que deixaria aos seus filhos em meio a total falta de perspectiva de mudança do pai, essa enorme e frustrada admiração do menino mais novo se dava pela ausência de outros agentes a quem o menino pudesse se espelhar. A vida seca da família os afastava das outras pessoas, de outros lugares e realidades, daí só conhecerem aquilo que tinham e encontravam em meio aos caminhos por onde passavam.

Em “O Menino mais velho”, a palavra inferno lhe causa inúmeros questionamentos. Pergunta à Sinhá Vitória, que se apresenta vaga na resposta. Pergunta a Fabiano, que o ignora. Na volta à Sinhá Vitória, indaga se ela já tinha visto o inferno. Leva um cascudo e foge indignado. Baleia faz-lhe companhia tentando alegrá-lo naquela hora difícil.

Tem-se aqui mais uma prova da inexistência de habilidades e conhecimentos para com a língua. A incessante busca do menino por respostas acaba por constranger ainda mais Fabiano e a esposa uma vez que ambos desconhecem o significado da maioria das coisas que falam. Fica claro que a linguagem da família assemelha-se com a dos outros animais e mais, a própria cachorra parece compreender tudo o que se faz ao seu redor com mais eficiência que seus donos.

Mais um fator que opõe a família de FABIANO é a própria realidade de não terem um nome. Tão desumanizados e destituídos de si mesmos, permanecem no anonimato, denunciando um descaso com aqueles que vivem no sertão. Não tendo nomes,



não possuem identidade e, consequentemente, não adquirem direitos. A mudez a que a família é submetida funciona como um elemento de não-humanidade, por isso ela almeja a linguagem como fato libertador de sua condição semi-animalesca.” Só a linguagem confere sentido humano à existência “(GONZAGA, 2002).

A família vai à festa de Natal na cidade. Todos vestidos com suas melhores roupas, num traje pouco comum às suas figuras, o que lhes dava um ar ridículo. A caminhada longa tornava-se ainda mais cansativa por causa daquelas roupas e sapatos apertados. Fabiano marchava teso. Os meninos maravilham-se, assustados, com tantas luzes e gente.

Resta, agora, aos pequenos, o maravilhamento com tudo de novo que viam. O menor pergunta ao mais velho se tudo aquilo tinha sido feito por gente. A dúvida do maior era se todas aquelas coisas teriam nome. Como os homens poderiam guardar tantas palavras para nomear as coisas?

No capítulo intitulado Baleia, a cachorra é apresentada com pêlos caídos, feridas na boca e inchaço nos beiços debilitaram Baleia de tal modo que Fabiano achou que ela estivesse com raiva. Resolveu sacrificá-la. Sinhá Vitória recolhe os meninos, desconfiados, a fim de evitar-lhes a cena. Baleia era considerada como um membro da família, por isso os meninos protestaram, tentando sair ao terreiro para impedir a trágica atitude do pai. Sinhá Vitória lutava com os pequenos, porque aquilo era necessário, mas aos primeiros movimentos do marido para a execução, lamentou o fato de que ele não tivesse esperado mais para confirmar a doença da cachorrinha.

Ao primeiro tiro, que pegou o traseiro da cachorra e inutilizou-lhe uma perna, as crianças começaram a chorar desesperadamente. Começa, lá fora, o jogo estratégico da caça e do caçador. Baleia sente o fim próximo, tenta esconder-se e até deseja morder Fabiano. Um nevoeiro turva a visão da cachorrinha, havia um cheiro bom de preás. Em meio à agonia, tem raiva de Fabiano, mas também o vê como o companheiro de muito tempo. A vigilância às cabras, Fabiano, Sinhá Vitória e as crianças surgiam à Baleia em meio a uma inundação de preás que invadiam a cozinha. Dores e arrepios. Sono. A morte estava chegando para Baleia.



Alfredo Bosi (1975, p. 451) comenta que “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. Naquele, há com naturalidade entre o homem e o meio; neste, a matriz de cada obra é uma ruptura”. As personagens são figurantes em meio a natureza que devora suas vidas, como Bosi afirma que“. A retificação do homem é tão intensa que se chega ao ponto de não haver diferença entre os objetos e as pessoas.” Fazendo isso a narrativa rompe com uma tradição na literatura brasileira em que o homem sempre dominou a natureza.

No capítulo denominado “Contas”, é mostrado que Fabiano retirava para si parte do que rendiam os cabritos e os bezerros. Na hora de fazer o acerto de contas com o patrão, sempre tinha a sensação de que havia sido enganado. Ao longo do tempo, com a produção escassa, não conseguia dinheiro e endividava-se.

Pensa na dificuldade de sua vida. Bom seria se pudesse largar aquela exploração. Mas não podia! Seu destino era trabalhar para os outros, assim como fora com seu pai e seu avô.

A instabilidade gerada pela seca não permite aos sertanejos estabelecer alguma lógica ou alguma ideia de continuidade para as suas existências (GONZAGA, 2002). Não obstante, este quadro psicológico ilustrado por Graciliano não era apenas o latifundiário que estava ali para esmagar o sertanejo, caiu-lhe também o próprio Estado que faz ressaltar aos olhos no romance o tema das relações socioeconômicas, sendo brutais e desumanas.

No capítulo “O Soldado Amarelo”, Fabiano, procurando uma égua fugida, mete-se por uma vereda e tem o cabresto embarcado na vegetação local. Facão em punho, começa a cortar as quipás e palmatórias que impediam o prosseguimento da busca. Nesse momento, depara-se com o soldado amarelo que o humilhou um ano atrás. O cruzar de olhos e o reconhecimento durou fração de segundos.

Em “O Mundo Coberto de Penas”, a invasão de aves denunciava a chegada da seca. Roubavam a água do gado, matariam bois e cabras. Sinhá Vitória inquietou-se. Fabiano quis ignorar, mas não pôde; a mulher tinha razão. Caminhou até o bebedouro, onde as aves confirmavam o anúncio da seca. Eram muitas. Um tiro de espingarda eliminou cinco, seis delas, mas eram muitas. Fabiano tinha certeza, agora, de uma nova

peregrinação, uma nova fuga. Sinhá Vitória dizia que as aves de arribação traziam a seca e Fabiano não entendia. É interessante colocar aqui e explicar a sutileza da mulher que mesmo sem instrução possui sabedoria capaz da compreensão da natureza.

No último capítulo “Fuga”, O céu apresenta-se muito azul, as últimas arribações e os animais em estado de miséria indicavam a Fabiano que a permanência naquela fazenda estava esgotada. Chegou um ponto em que, dos animais, só sobrou um bezerro, que foi morto para servir de comida na viagem que se faria no dia seguinte.

Partiram de madrugada, abandonando tudo como encontraram. O caminho era o do sul. O grupo era o mesmo que errava como das outras vezes. Fabiano, no fundo, não queria partir, mas as circunstâncias convenciam-no da necessidade.

A vermelhidão do céu, o azul que viria depois assustavam Fabiano. Baleia era uma imagem constante em seus confusos pensamentos. Sinhá Vitória também fraquejava. Queria, precisava falar. Aproximou-se do marido e disse coisas desconexas, que foram respondidas no mesmo nível de atrapalhação. O desejo de linguagem que é intrínseco do ser aflora porém o silêncio pesa mais forte e interrompe até o diálogo monossilábico. Aqui o animal humano rumina seu pensamento.

Sinhá Vitória acordou os pequenos, que dormiam, e seguiu-se viagem. Fabiano ainda admirou a vitalidade da mulher. Era forte mesmo! Assim, a cada passo arrastado do grupo um mundo de novas perspectivas ia sendo criado. Sinhá Vitória falava e estimulava Fabiano. Sim, deveria haveria uma nova terra, cheia de oportunidades, distante do sertão a formar homens brutos e fortes como eles.

Fabiano apresenta-se, apesar de sua caracterização de resistência, como um herói que fraqueja diante das circunstâncias opositivas confrontadas por ele. A fuga do espaço tornou-se o único recurso de tentativa no sentido de manter-se vivo. O espaço manifestou-se não propício à ânsia do ser. Na verdade, a fuga refere-se também a um ato de resistência à morte, que o persegue, associada à imagem da seca.

Em vez de descrever o cenário naturalista, Graciliano Ramos prefere refletir sobre suas consequências na própria realidade dos personagens. Assim, a seca determina as duas migrações da família, respectivamente, os capítulos “Mudança” e “Fuga”. É ela



que determina a instabilidade de Fabiano e impede a realização do sonho da esposa, Sinhá Vitória, de possuir “uma cama real, de couro e sucupira”.

Porém, vivendo naquele sertão, numa fuga constante e num caminhar sem fim, era-lhes impossível pensar na aquisição de bens que depois nem teriam como carregar.

O romance decorre entre duas situações idênticas, de tal modo que a fim, encontrando o princípio, fecha a ação num círculo. Entre a seca e as águas, a vida do sertanejo se organiza, do berço à sepultura, a modo de retorno perpétuo.

O quadro é pintado pela natureza e o escritor tem o mero trabalho de transplantar com tinta uma pintura grotesca respingada de calor e sol que seca a imagem, a linguagem das pessoas e mimetizados pelo meio tornam-se figuras inertes no sentido de poder de transformação do contexto em que se encontram.

4 Vida de retirante: um condenado às imposições da natureza

Os romancistas de 30 caracterizavam-se por adotarem visão crítica das relações sociais e regionalistas ressaltando o homem hostilizado pelo ambiente, pela terra, cidade, o homem devorado pelos problemas que o meio lhe impõe. As obras nordestinas escritas nesta década se inserem na linha do Realismo crítico, tão em voga na época e, mais ainda, na literatura contemporânea. Além destas características, observa-se que o regionalismo nordestino identifica fatos, traços, temas, personagens que descrevem e tornam em evidência, o descaso dessa região. O sertão era um conceito que, naquele tempo, englobava a noção de distanciamento do poder público e de abandono do Estado. Neste caso o foco é o nordeste com seu povo, sua linguagem, sua cultura e seus dramas.



[...] o homem que nasce condenado às imposições devastadas da terra, vivendo sob a contínua ameaça do braseiro do sol que, em ciclos eternos, estende sobre ele a devastação e a morte, fazendo-o arrastar-se como ‘condenados do inferno’ à procura de regiões hostis e deixando-o depois voltar para reiniciar a sua valente luta sem quartel (BRAYNER, 1978, p. 67).

A temática abordada em *Vidas Secas*, deixa prevalecer em tudo a questão social, em que o homem é o personagem protagonista; quando não, ele é substituído pelo espaço seco ou characteristicamente nordestino, constatada pelo sentimento da terra áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. O que impulsiona os personagens são os fenômenos da seca. A vida de Fabiano, Sinhá Vitória e tantos outros retirantes giram em torno desta seca, da pobreza trazida por ela e das consequências físicas e psicológicas que a mesma oferece a seus árduos personagens.

Essa literatura revela um mundo marcadamente regionalista, assumindo uma posição notadamente social e crítica sobre o sofrimento enfrentado pela população nesta região seca como tece Graciliano Ramos. A seca não conseguia se desvincular, de modo algum, do espaço literário descrito por Graciliano Ramos. Mas a esperança de uma vida melhor, a esperança que a seca nordestina desse uma trégua, fazia com que Fabiano, como muitos outros personagens reais desse nordeste brasileiro, imaginasse que a dificuldade trazida por um determinado clima seco e árido, pudesse enfim, cessar, deixando a mente aberta a sonhos irreais, que já, quase que imediatamente já se dissolviam no ar, trazendo a dúvida e a vontade de uma vida melhor longe dali, desencadeado no pessimismo novamente “Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito Seria que as secas iriam desaparecer e tudo andar certo? Não sabia” (RAMOS, 1994, p. 24)

O mundo que os retirantes nordestinos conheciam era o de pobreza, de misérias, secas, e mesmo quando presenciavam a época das “água”, das farturas, eram assombrados pelo medo do regresso à pobreza os quais eram acostumados a viver desde que nasceram, como se fosse uma tradição vinda de seus antepassados.

Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava. Se a seca chegasse, não ficaria planta verde. Arrepiou-se. Chegaria, naturalmente. Sempre tinha sido assim, desde que ele se entendera. E antes de se entender, antes de nascer, sucedera o mesmo – anos bons misturados com anos ruins (RAMOS, 1981, p. 23).

Os versos de João Cabral de Melo Neto, no poema “Graciliano Ramos”, retrata ainda mais a miséria social trazida pela seca.

[...] que é quando o sol é estridente,
a contrapelo, imperioso,
e bate nas pálpebras como
se bate numa porta a socos. (NETO, 1979, p. 56)

O meio ambiente adverso, agressivo por causa da seca mostra-se como uma pressão contra o próprio homem, que se transforma em animal. O sol do sertão nordestino é forte como um soco, derrubando o homem, colocando-o em condição de bicho, fazendo-o perder seu próprio caráter humano.

Assim, a problemática da seca não é trabalhada apenas como temática do livro, mas também é alvo da crítica social de Graciliano Ramos, mostrando como a seca condiciona o ser humano, animalizando-o, adestrando para que seja incapaz de assumir seu papel social, para que não questione a realidade absurda que o cerca, as opressões e a falta de interesse da política brasileira em transformar a situação de miséria alienada dos sertanejos.

CONCLUSÃO

Pensar em Vidas Secas como um mero romance regionalista seria o mesmo que negar tudo o que se construiu em termos de identidade brasileira. A luta de um povo se dá de forma constante, e a soma das batalhas nada mais é que o desenho de sua cultura que, por natureza, mergulha nas veias de seus descendentes. Pensando nessa incrível trajetória que envolve todo o ser humano, Graciliano Ramos pretendeu em Vidas Secas eternizar a incessante luta do retirante nordestino ao relatar as desventuras enfrentadas



por Fabiano e sua família. Família esta que parece ter sido esquecida pelo homem e castigada por uma natureza que implorava por socorro àqueles que nem a si próprios podem ajudar.

A literatura que serve para desvendar as intenções da sociedade serviu para aninhar os desejos desse escritor que via no sofrimento do outro uma forma de expor as tragédias de uma sociedade fria e desigual, cimentada por uma política mascarada de boas intenções, mas recheada de transgressões e desrespeito ao ser humano.

A que conclusão chega o homem colocado a bagaço esmagado até a última instância? Que calda sumarenta escorre desse íntimo seco que apenas rumina liberdade e balbucia desigualdade? Retalhos amarfanhados de um ser de(formado) pelo meio, um objeto revirado pelo avesso e transformado em metáfora zoomorfizada pelo contexto vivido. O bicho-homem com olhar atento se humaniza frente à leitura de Vidas secas e congrega com o personagem a dureza de roer os ossos da palavra e da seca e ainda assim não definhar perante a espinha dorsal da existência. É íngreme o tempo e o espaço percorrido pela trama porém os olhos deslizam numa tecitura densa e grossa onde vai enchendo a emoção humana e é isso que indica a essência do literário, fazer refletir o leitor e este se convencer, se deixar persuadir, ser explorado pelo tecido frasal e assim, então recuperar um pouco de umidade e se desproteger da inocência, buscando ser agente transformador desse ambiente desigualitário.

Esse assunto seco faz o trajeto das aves de arriabação, mascarando a natureza e falseando às margens do rio seco de areia fresca, porque ao esbarrar na embarcação política, os remos se perdem e se percebe que uma corrente fina une os pólos distintos da engrenagem social, o poder e a miséria. Enquanto o primeiro toma banho as margens litorâneas o segundo naufraga às margens sociais.

Nada sobra nesse teto que alimente o corpo e o texto se encerra numa verdade que transgride os direitos humanos e ainda ouve os sussurros de Fabiano, “Você é um bicho Fabiano. Não você é um homem Fabiano”.



REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Poemas Rupestres**. 2. ed- Rio de Janeiro, Best Seller,2006.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BRAYNER, Sônia. **Graciliano Ramos: seleção de textos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:estudos de teoria literária e história literária**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- FELINTO, Marilene. **Posfácio**. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 102^a ed.
- GONZAGA, Sergius. **O que observar em Vidas Secas**. São Paulo, 2002.
- LINS, Álvaro. **Valores e misérias das vidas secas**. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 36. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1977. p. 135-167.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- VIANNA, Lucia Helena. **Roteiro de leitura: São Bernardo, de Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1997.

Recebido em: 10/12/2021 | Aprovado em: 26/08/2023
Publicado em: 26/06/2025
